

A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO BÁRBARO NA OBRA DE AMIANO MARCELINO E TEMÍSTIO (SÉCULO IV D.C.)¹

THE IMAGE CONSTRUCTION OF THE BARBARIAN IN THE WORK OF AMMIANUS MARCELLINUS AND THEMISTIUS (FOURTH-CENTURY A.D.)

Bruna Campos GONÇALVES*

Resumo: No contexto da Antiguidade Tardia havia um grande número de bárbaros nos territórios do Império Romano, que interagiam na sociedade e, principalmente, no meio militar romano. Acreditamos que esse contato com outras culturas ampliou o aparato político-cultural militar de todos os envolvidos, de forma que essa confluência cultural fomentou novos conhecimentos e saberes. Sendo assim, nesse artigo pretendemos contrastar as imagens dos bárbaros nos relatos advindos do século IV *Res Gestae* de Amiano Marcelino e nos panegíricos políticos de Temístio, tendo o primeiro sido um militar e o segundo um filósofo da corte Imperial.

Palavras-chave: Antiguidade Tardia – Bárbaros – Imagem – Amiano Marcelino – Temístio.

Abstract: In the context of Late Antiquity there was a large number of barbarians in the territories of the Roman Empire, which interacted in society and especially among Roman military. We believe that contact with other cultures expanded the political-military cultural apparatus of all involved so that this cultural confluence fostered new knowledge and learnings. Therefore, in this article we intend to contrast the images of the barbarians in the fourth-century reports Ammianus Marcellinus' *Res Gestae* and Themistius' political panegyrics, as the former was a military man and the latter a philosopher of the imperial court.

Keywords: Late Antiquity – Barbarians – Image – Ammianus Marcellinus – Themistius.

Apontamentos preliminares

No percurso de nossa pesquisa, uma questão sempre nos interessou: o elemento Bárbaro em contato com a sociedade romana, principalmente, no que tange ao Exército da Antiguidade Tardia. Observamos como a confluência das diferentes culturas influenciou em toda a sociedade romana, incluindo o aparato militar-administrativo do Império. Nesse quesito, observamos a participação dos soldados nas frentes de batalha, ascendendo na hierarquia militar e interferindo na vida política do Império Romano, ao

* Mestre em História – Doutoranda em História – Programa de Pós-graduação em História – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Franca, CEP: 14409-160, Franca, São Paulo - Brasil. Bolsista FAPESP – orientação da Profa. Dra. Margarida Maria de Carvalho. E-mail: bruna.camposg@gmail.com

ponto de participarem das eleições imperiais. Tal composição nos instiga a investigar a relação que existira entre os romanos e os estrangeiros.

Com o intuito de analisar a construção de novas identidades entre romanos e *bárbaros*, buscaremos em dois autores da tardo-antiguidade, Amiano Marcelino e Temístio, os elementos que compõem a imagem do bárbaro em meados do século IV d.C. Salientamos que nossa pesquisa se desenvolve perante a perspectiva da *barbarização* como componente enriquecedor da cultura romana, uma vez que tanto esta, como as culturas *bárbaras*, influenciavam-se mutuamente, gerando assim, um hibridismo cultural.

Ao encontro das teorias que acreditam na subjetividade dos escritos, como a do historiador Keith Jenkins (2004), consideramos que tanto o militar quanto o filósofo deixam transparecer as preocupações do cotidiano em suas obras. Com isso em mente, buscamos analisar como Amiano e Temístio pensaram a questão do bárbaro na sociedade romana.

Amiano Marcelino e Temístio

Como bem destacou Jean Michel-Carrié (1999) na introdução de seu livro *L'Empire romain em mutation*, o mundo antigo vivia uma nova experiência. Dentre elas observamos a confluência de antigos valores morais e de conduta se misturar com as novas configurações e necessidade do Império Romano. Em meio ao século IV d.C. observamos novos parâmetros na disposição sociopolítica de Roma, na qual o Exército ganhou ainda mais destaque: o estrangeiro se sobressaltou no serviço militar romano e o culto aos Deuses começou a dividir seu espaço com a adoração do Deus Cristão.

Ambos os escritores a que nos reportamos nasceram em cidades de origem grega, Amiano na Antioquia, onde atualmente compõe a Síria, e Temístio na Pafaglonia, hoje pertencente à região da Turquia. No decorrer de suas vidas, seguiram caminhos distintos, um se tornou militar da ordem dos *protectores domesticis*, enquanto o outro seguiu os passos do pai e se tornou filósofo da Corte Imperial. Nessa conjuntura, plena de ideias híbridas, é que se inserem os panegíricos de Temístio e a obra *Res Gestae* de Amiano Marcelino.

Ainda nesse quesito, notamos que, por terem sido criados na parte oriental do Império, falavam, escreviam e compreendiam a língua grega. Mas, por diferentes

caminhos tomados em suas trajetórias de vida, Temístio compôs seus discursos em seu idioma nativo, enquanto Amiano escreveu sua narrativa em Latim, a linguagem empregada pelo Exército Romano. O primeiro, filósofo, embora direcionasse seus discursos aos Imperadores de Roma, não o fazia na língua latina alegando pouca fluência nesse idioma.

Esses dois autores tardo-antigos possuem outras características em comum. Tanto um como o outro tiveram uma formação dentro da cultura clássica e da retórica, nasceram e foram criados dentro dos costumes não cristãos, embora acreditemos que, de certa forma, tiveram contato com os diversos tipos de cristianismos da época, pois todo esse conjunto político-religioso fazia parte de seu tempo; provinham de famílias abastadas, às quais deram todas as condições para ascenderem nas profissões escolhidas.

O pai de Temístio, Eugênio, também filósofo, legou-lhe uma grande admiração pelos filósofos gregos Aristóteles e Platão. Sabemos, ainda, que seu avô foi reconhecido na corte de Diocleciano pela mesma profissão. Com tais antepassados, e com muito estudo, tendo seu pai e diferentes tutores como professores, Temístio se destacou em seu ofício, angariando a atenção dos Imperadores, os quais o convidaram a participar de seus governos.

Pouco sabemos quanto à família de Amiano Marcelino. Thompson (1947) contempla a questão da descendência do autor da *Res Gestae* e sugere que o historiador descende de uma família nobre, tendo pouco a se preocupar com dinheiro. Para chegar a essa conclusão, Thompson utilizou dois trechos da obra do militar: uma na qual destacou a sua preocupação com a posição dos *curiales* e outra demonstrando seu pouco contado com árduas atividades (THOMPSON, 1947, p.02).

Entretanto, como já sabemos, os dois autores escolheram carreiras distintas para se dedicarem. Temístio se tornou, assim como seu pai e avô, um filósofo e panegirista, assinando obras filosóficas e diversos discursos, públicos ou particulares. Enquanto Amiano aproveitou seu status social e adentrou na vida militar no seio dos *protectores domestici*, órgão com grande prestígio social no qual, em outras épocas, alguns dos comandantes alcançaram o maior cargo administrativo: o de Imperador de Roma, como foi o caso de Diocleciano, Constâncio Cloro e Joviano.

Em seus diferentes trabalhos, eles se destacaram: um chegou às altas cúpulas do Senado de Constantinopla e adentrou na prefeitura dessa região por convite do

Imperador Teodósio – esta cidade foi adotada pelo filósofo, a qual defendeu arduamente em seus panegíricos. O outro, defensor ferrenho de Roma, cidade na qual se instalou para terminar seu trabalho e, até onde sabemos, não adentrou para vida pública, embora tenha escrito uma obra nos parâmetros ditados pela política.

Os dois advogavam a favor dos Deuses, todavia Temístio acreditava num Deus supremo, o que não nos parece ser o caso de Amiano. Dessa forma, divergiam da maioria dos Imperadores que presenciaram no poder, pois o único governante que praticou o culto aos Deuses, como eles, foi Juliano e, no entanto, não encontramos nesse quesito em específico, uma concordância dos autores tardo-antigos com todos os métodos empregados por este Imperador não cristão.

A imagem do Bárbaro em Temístio

O posicionamento de Temístio quanto aos bárbaros em seus panegíricos nos instiga. Durante sua vida, o filósofo presenciou a confluência de bárbaros que adentravam o Império, uns por vontade de aderir à cultura romana e outros que queriam dominar os territórios do Império Romano – sendo esses últimos combatidos veementemente. Como destacou Jenkins (2004), somos fruto de nosso tempo e, por conseguinte, notamos a interseção do meio em que vivia o filósofo tardo-antigo em suas orações à medida que observamos seu posicionamento quanto ao elemento estrangeiro.

Embora muitos contemporâneos de Temístio tivessem um posicionamento hostil com relação a quem não tinha nascido no território romano, o filósofo se mostrou mais interessado numa política de inclusão. Mesmo porque o panegirista prezava a paz era, assim, um pacifista, mas se houvesse necessidade de uma guerra para garantir a harmonia do Império, o filósofo a aceitava. Dessa maneira, de acordo com o próprio autor dos panegíricos, “está incompleto o governante e o legislador que, competente para guerra, é incapaz de administrar a paz” (TEMÍSTIO, *Disc.* X, 131a).

Com relação aos bárbaros, Temístio, assim como Amiano Marcelino, o qual será abordado adiante, diferencia o estrangeiro de maneira a pontuar qual povo seria interessante assimilar ao Império Romano, e qual deveria ser aniquilado. O filósofo tem um “grande cuidado em distinguir o inimigo persa do bárbaro cita, o primeiro resolutamente hostil, e o segundo somente indócil” (DAGRON, 1968, p.100). No trecho

abaixo, o autor ressalva as características que uma “estirpe” estrangeira poderia apresentar, de um lado a ser tolerada e do outro a ser exterminada.

Por que acorda a paz com os citas e a regateia com os persas? Ambas as estirpes são bárbaras e não precisamente amigas do Império Romano. Sem embargo, a primeira é impulsiva e insensata, enquanto que a segunda é manhosa e traiçoeira. A uma, portanto, a tem a seu lado por meio do temor e da advertência, igual “a cólera”, disse Platão, “segue como aliada as advertências da razão”; a outra, em contra partida, deve amputá-la e extirpá-la para que não a importune (TEMÍSTIO, *Disc.* XI, 148d/149a).

O estudo dos discursos políticos de Temístio nos mostra que cabia ao monarca saber observar e diferenciar “o malvado do insensato, o mentiroso daquele que se deixa enganar, aquele que requer amputação e cauterização daquele que exige piedade e advertência, e distinguir e separa a perversidade da ingenuidade” (*Disc.* XI, 10:148c). No pensamento temistianiano, o governante, ungido por Deus, era governante de todos os homens na terra, e não somente de determinados grupos por pertencerem à mesma região.

Essa é a realidade: quem combate os bárbaros insolentes quando não é mais necessário, somente se ergue soberano dos romanos, porém quem os submete para depois usar a benevolência, se reconhece como soberano de todos os homens, e especialmente daqueles que concedeu proteção e salvação quando poderia tê-los aniquilados por completo (TEMÍSTIO, *Disc.* X, 132a).

No que concerne à postura que o governante deveria ter com relação aos bárbaros, o filósofo tardo-antigo, diferentemente de seus contemporâneos, prega uma política de assimilação. Para Temístio, todos poderiam ser salvos com a benevolência e a humanidade do governante, ou melhor, adotando o bárbaro, o monarca estaria exerceria sua *philantrōpía* e mostraria os melhores caminhos aos outros povos ignorantes. Como também, agregaria novos súditos aptos a contribuir com o Império Romano através do pagamento de impostos e do serviço militar.

A história já nos há oferecido no passado muitos exemplos dessa classe, e não somos os primeiros a experimentar que os criminosos, uma vez obtido o perdão, passam a ser uteis as vítimas de seus crimes. Olha se não, a esses gálatas que vivem no Ponto! Estes, em efeito, depois de abrirem espaço, através das armas, até o interior da Ásia e devastar toda a região do rio Halis, se assentaram no território que

seguem habitando até hoje. E sem embargo, não os aniquilaram Pompeu nem Lúculo (mesmo podendo fazer), nem Augusto, nem os Imperadores que os seguiram, mas que, uma vez obtido o perdão por seus crimes, passaram a formar parte do Império. E agora ninguém chama de bárbaros os gálatas, mas romanos em seu sentido pleno, pois mesmo tendo mantido seu antigo nome, seu estilo de vida é o mesmo que o nosso. Pagam os mesmos impostos que nós, participam das mesmas campanhas militares que nós, reconhecem as autoridades como todos os demais e obedecem as mesmas leis. Com estes olhos nos direcionaremos aos citas dentro em pouco. Ainda está recende seus golpes, mas em pouco tempo os associaremos, sem dúvidas, as nossas mesas, e compartilharemos com eles o exercício da milícia e das responsabilidades públicas (TEMÍSTIO, *Disc.* XVI, 211c-d).

Através do cumprimento da virtude o monarca estaria apto, não só a distinguir as características alheias, mas também, a conquistar todos. Em suas orações, Temístio, sempre ressalta a importância da virtude para o monarca e os benefícios que pode trazer a seus súditos com as práticas dos valores morais; dentre esses, o que mais nos chama a atenção, é a capacidade de resolver as querelas sem a necessidade de uma guerra. Afinal, através de sua virtude, o governante poderia conquistar a todos, sem necessidade da força física, já que os homens em geral, romanos ou não, o aceitaria de boa vontade e com admiração.

Se pensarmos na teoria de Temístio do governante humanitário, notamos que para o panegirista o governante deveria cuidar do bem-estar de todos os humanos, e não somente nos habitantes de Roma, ou nos da Grécia e assim por diante. Como apontamos anteriormente, para ser reconhecido pela Divindade o monarca deveria agir como tal e o único meio para isso seria através da prática da *philantrōpía*, da humanidade. Ou melhor, através do amor², o Imperador ganharia o respeito e a admiração de todos os homens.

Assim como Eros e Afrodite, que por possuírem a melhor arma, o amor, tornava seus “trunfos melhores e mais imediatos que os de Ênio³” (*Disc.* XIII, 19:177b), o monarca, na concepção temistianiana, também poderia usar tais atributos para vencer suas contendas com os inimigos. Considerando que era um caminho pacífico, Temístio o preferia à guerra. Downey ressalta ainda, que o filósofo, com sua visão de “fraternidade universal”, estava “apto a argumentar que a conciliação com a absorção era superior a conquista pela força” (DOWNEY, 1955, p.305).

O bom governante não tem nenhuma necessidade de lança, pois basta sua virtude para dominar e submeter os povos mais selvagens de maneira voluntária, o que é sempre preferível à força. Os bárbaros, em definitivo, te favorecem com presentes em vez de se entregarem a rapina; e sua famosa cólera desaparece com o encanto que o jovem os vence (TEMÍSTIO, *Disc.* XIII, 176c-d).

Dessa maneira, acreditamos que Temístio é fruto de seu tempo, pois deixa transparecer a todo o momento, em seus discursos, a diversidade cultural existente em sua época.

O Bárbaro em Amiano Marcelino

Diferentemente de Temístio, uma das questões que o historiador militar dá grande visibilidade, ao retratar os governos dos Imperadores Constâncio II (337-361 d.C.), Juliano (361-363 d.C.), Joviano (363-364 d.C.), Valentiniano I (364-375 d.C.), Valente (364-378 d.C.), Graciano (367-383 d.C.) e Valentiniano II (375-392 d.C.), é a relação existente entre romanos e *bárbaros*.

Embora existam historiadores que acreditam que “para o militar, um bom *bárbaro* era um *bárbaro* morto” (HEATHER, 1999, p.234), é curioso ressaltar que Amiano valorizava a permanência do elemento estrangeiro no Exército romano. Uma vez que os soldados romanos sozinhos não dariam conta de proteger toda a extensão do Império, a força auxiliar dos estrangeiros era essencial para a sobrevivência do Império romano.

Assim como Temístio, verificamos na obra *Res Gestae* de Amiano Marcelino, uma dupla visão em relação aos estrangeiros. Em determinados momentos de sua narrativa, diferencia-os entre *bárbaros* não adaptáveis aos costumes romanos – aqueles que viviam fora do *limes* Romano – e os *bárbaros* voluntários – que estariam construindo uma identidade étnica com os romanos. Abaixo, destacamos duas passagens da História, de Amiano.

No primeiro trecho ressaltado, Amiano nos esclarece sobre os estrangeiros que procuravam o serviço militar romano para servir, mas colocavam algumas condições. Dentre essas, podemos observar a que se destaca logo abaixo, onde os *bárbaros* tinham a promessa de seus comandantes de que não lutariam perto de onde haviam nascido.

No entanto, ele [Juliano] não podia se calar e destacou quem não deveria sofrer nenhum inconveniente, seriam aqueles que deixaram seus domicílios, em torno do Reno, e foram até ele sobre a promessa que eles não iriam lutar em regiões além dos Alpes. Por isso declarou [Juliano] que era para se temer que os *soldados voluntários bárbaros*, que estão acostumados a virem para o nosso lado sobre tais condições, talvez parassem com essa prática, mas sua palavra [a de Juliano] não serviu a nenhum propósito (AMIANO MARCELINO, *Hist.*, XX, 4, 4).

No segundo momento, o historiador tardo-antigo exalta seu posicionamento quanto àqueles que viviam do outro lado da fronteira do Império romano e que muitas vezes tentaram, com sucesso ou não, invadir os territórios romanos. Como podemos visualizar, para Amiano, esses povos atacavam as fronteiras romanas, sem escrúpulos: esses eram considerados *silvícolas*. Condição essa, ainda em concordância com o militar, de homens sem o mesmo aparato político-cultural dos romanos.

No final do inverno, quando Valente apressava-se para chegar à Síria, relatórios de seus generais chegam a suas mãos, no momento em que se encontrava na fronteira com a Bitínia. Neles continha a notícia que as tribos Godas, as quais, naquele tempo, ainda não haviam sofrido nenhum ataque e, portanto, muito *silvícola*, estavam conspirando juntos e fazendo preparativos para invadirem a província da Trácia. Ao saber disso, e em ordem que somente ele deveria alcançar seu destino sem interferências, Valente ordenou que um reforço suficiente da cavalaria e infantaria fosse mandado ao lugar onde a invasão dos *silvícolas* era temida (AMIANO MARCELINO, *Hist.*, XXVI, 6, 11).

Um estudioso da década de 60 do século XX, Pierre-Marie Camus, evidencia, de modo geral, o conceito expresso por Amiano sobre os *bárbaros*, no caso os não adaptáveis à cultura romana: seriam eles “orgulhosos e incultos, levam uma vida primitiva e brutal, amam a vingança, ignoram a piedade” (CAMUS, 1967, p.116). Acreditamos que esse pensamento não esteja muito longe do que verificamos. Antes de maiores considerações a esse respeito, cabe inserir uma passagem do livro XIX do historiador militar.

Estavam conosco duas legiões de Magnêncio, recentemente chegadas da Gália, composta por bravos, ativos homens experientes em batalhas de campo aberto, porém, para o tipo de guerra a que fomos compelidos, eles eram inadequados e um grande obstáculo. Por enquanto eles não ajudavam nem na artilharia, nem na construção de fortificações, algumas vezes eles faziam impetuosas saídas e, após lutarem com grande confiança, retornavam em números reduzidos.

Finalmente, quando seus oficiais lhes proibiram de irem adiante, barrando os portões, eles rangeram os dentes como bestas. Contudo, nos dias que se seguiram sua eficiência foi conspícua (AMIANO MARCELINO, *Hist.*, XIX, 5, 2-3).

No excerto acima, observamos que o autor da *Res Gestae* exalta as qualidades físicas, necessárias numa batalha, dos estrangeiros alistados no Exército Romano, mas os exime de qualquer qualidade moral que possa aproximá-los dos romanos. Porém, eram essenciais no auxílio à proteção das fronteiras do território romano, a ponto de ganharem projeção na hierarquia militar.

Embora Amiano, em inúmeros fragmentos de seu texto, demonstre uma aversão aos *bárbaros*, em outros momentos mostra que tem grande conhecimento da cultura estrangeira, como observamos naquela passagem supracitada em que utiliza um exemplo Persa para indicar qual teria sido o melhor caminho para o César Galo.

Também podemos perceber outra abordagem do elemento de fora do *limes* romano. Em nota, Thompsom (1947) atém-se a um fato assaz interessante: o historiador antioquiano usa a palavra *barbari* quase exclusivamente aos Germanos, e nem tanto aos Persas. Uma das possibilidades seria a aproximação de Amiano com esse reino durante sua formação quando jovem, em Antioquia; e sua aversão exacerbada dos Germanos por ser em decorrência das sangrentas batalhas, contra tais povos, presenciada pelo militar.

Ao descrever os atos praticados por alguns estrangeiros, expõe todas as características humanas que despreza. Dessa forma, a partir do oposto, o autor sobressalta os pontos importantes na conduta dos homens de bem, e, sobretudo, indispensáveis aos príncipes, ou melhor, valoriza as virtudes e os elementos morais caros a todo homem. Logo abaixo, destacamos uma passagem da obra de Amiano em que o militar descreve a destruição de uma cidade por estrangeiros, modelo de atos indignos.

Mas, mal a passagem estava aberta e sem nossos homens à vista, os bárbaros aprisionados, em desordem e sem obstáculos, espalharam devastação sobre todas as vastas planícies da Trácia, começando com as várias regiões onde flui o Danúbio, enchendo todo esse território com a maior confusão de roubos, assassinatos, derramamento de sangue, fogos e uma vergonhosa violação dos corpos de homens livres (AMIANO MARCELINO, *Hist.*, XXXI, 8, 6).

No que descreve tais ações, de povos *bárbaros*, o historiador militar deixa transparecer o que lhe é essencial no caráter de um homem: sua misericórdia, seu equilíbrio, sua humanidade, sua equidade e, acima de tudo, seu autocontrole. Qualidades essas que busca enxergar nos Imperadores, pois são os governantes os maiores exemplos do seu povo, a ponto de serem os mais cobrados quando não as exerce. Amiano Marcelino é um dos historiadores que aponta as ocasiões em que os Imperadores deixaram de praticar uma virtude, e os condena por tal falta.

Considerações finais

Atendo-se à personagem central deste trabalho, o elemento estrangeiro, “bárbaro”, é possível notar que a imagem construída a seu respeito fora de extrema importância na elaboração da história militar romana tardia, já que nenhuma identidade pode existir sem uma série de oposições ou negativas. Os estereótipos não são criados por acaso: há, no interior da narrativa que os descreve, uma mensagem ao leitor; há a intenção de exaltar determinado aspecto e renegar outro. No caso do bárbaro, não foram apenas aqueles que os “barbarizaram” que usaram da imagem construída acerca destes; reis bárbaros, posteriormente, utilizarão dessas imagens para legitimar seus poderes. Os historiadores tem se preocupado em exaltar as questões identitárias, já que estas fazem parte da vivência do momento presente, gerada pelo atual processo da globalização mundial. O antiquista não está, de forma alguma, alheio a esse processo, porque parte da sua experiência atual para direcionar a sua interpretação sobre os acontecimentos da Antiguidade.

Como bem destacaram Peter Burke (2003) e Keith Jenkins (2004), somos frutos de nosso tempo e estamos presos a nossa posição social e histórica. Considerando tais apontamentos, confiamos que a análise crítica da nossa própria investigação está imbuída dos aspectos sociopolítico-culturais do meio que nos cercam, assim como a qualquer escrito realizado por um estudioso. Sublinhamos que essa conjuntura também pode ser verificada na Antiguidade, haja visita, acreditarmos que a subjetividade de cada autor da antiguidade é transposta na sua obra, no seu escrito.

A efervescência sociopolítica, militar e cultural que ocupa o cenário da tardo-antiguidade poderá ser compreendida no decorrer da análise documental. E o ponto que nos chama maior atenção é, precisamente, a interação entre os romanos e os bárbaros

englobando a confluência dessas distintas culturas presentes na Antiguidade Tardia e a formação de múltiplas identidades, já que tanto romanos foram influenciados pelos estrangeiros, como os dito bárbaros foram pelos romanos.

Dessa forma, podemos perceber que, mesmo vivendo na mesma sociedade e com criações parecidas, Amiano e Temístio tiveram percepções diferenciadas a respeito da conduta para com o elemento bárbaro. Para Amiano, o estrangeiro só era bem vindo quando se tratava da proteção do Império Romano, pois eram brutos e sem escrúpulos morais. Já, para Temístio, todos poderiam aprender as maneiras e modos dos romanos, menos os persas, pois esses eram traiçoeiros e deveriam ser destruídos.

Assim, em um momento de grande efervescência cultural, vemos um novo elemento aparecendo na sociedade romana. Gerando discussões e controvérsias, mas que não deixou de dar sua contribuição ao Império Romano da Antiguidade Tardia.

Referências Bibliográficas

Documentação Primária Impressa

MARCELLINUS, Ammianus. *History*. With an english translation by John C. Rolfe. London: The Loeb Classical Library, 1982, 3v.

MARCELLIN, Ammien. *Histoire*. Avec la traduction en français de Edouard Galletier e Jacques Fontaine. Paris: Belles Lettres, 1978.

TEMISTIUS. *Discursos Políticos*. Con traducción al español de Joaquín Ponce Ritoré. Madri: Gredos, 2000.

TEMISTIUS. *The private Orations of Themistius*. With an English translation by Robert J. Penella. California: University of California Press, 1999.

Obras de apoio

AUSTIN, N. J. E. Ammianus on Warfare: na Investigation into Ammianus' Military Knowledge. *LATOMUS Revue d'études Latines; Collection Latomus*, vol.165. Bruxelles, 1979.

BARNES, T. D. *Ammianus Marcellinus and the Representation of Historical Reality*. New York: Cornell University, 1998.

BOEFT, J. den; DRIJVERS, J. W.; HENGSTAND, D. den; TEITLER, H. C. (orgs). *Ammianus after Julian: The Reign of Valentinian and Valens in Books 26-31 of the Res Gestae*. Leiden: Brill, 2007.

BRAUCH, T. The Prefect of Constantinople for 362 AD: THEMISTIUS. *Byzantion*. Tome LXIII, p.37-77, 1993.

_____. Themistius and the Emperor Julian. *Byzantion*. Tome LXIII, p. 78-115, 1993.

BURKE, P. *Hibridismo cultural*. Coleção Aldus – 18. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2003.

CAMERON, Alan. The Roman Friends of Ammianus. *The Journal of Roman Studies*, v.54, parts 1 and 2, p. 15-28, 1964.

- CAMERON, Averil. *The Later Roman Empire AD 284-430*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1993.
- CAMUS, P-M. *Ammien Marcellin: Témoin des Courants culturels et Religieux a la fin du IVe. siècle*. Paris: Les Belles Lettres, 1967.
- CARRIE, J-M.; ROUSSELLE, A. *L'empire romain en mutation: des Sévères à Constantin 192-337*. Paris: Éditions du Seuil, 1999.
- CARVALHO, M. M. Temístio, o imperador Juliano e a discussão em torno do conceito de realeza no século IV d.C. *Revista História*, Universidade Federal de Goiás, v. 11, n. 1, jan/jun. 2006.
- _____.; FUNARI, P. P. A. A história militar na Roma Antiga e o testemunho de Amiano Marcelino. In: CERQUEIRA, F. V.; GONÇALVES, A.T.M.; NOBRE, G. J. E VARGAS, A. Z. (orgs). *Guerra e Paz no Mundo Antigo*. Instituto de Memória e Patrimônio, Laboratório de Antropologia e Arqueologia/ UFPel. Pelotas, 2007, p.281-297.
- _____. *Paidéia e Retórica no Século IV d.C.: A Construção da Imagem do Imperador Juliano Segundo Gregório Nazianzeno*. Anablume: São Paulo, 2010.
- CRUMP, G. Ammianus and the late Roman Army. *História*, n. 23, p. 91-103, 1972.
- DAGRON, G. L'empire romain d'Orient au IVe siècle et les traditions politiques de l'hellénisme : le témoignage de Thémistios, *Travaux et Mémoires*, v.3, p.1-242, 1968.
- DALY, L. J. The Mandarin and the Barbarian: The Response of Themistius to the Gothic Challenge. *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, v.21, n. 2, p.351-379, 1972.
- DOWNEY, G. Education and Public Problems as Seen by Themistius. In.: *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*. No. 86, 1955, p.291-307.
- _____. Themistius and the Defense of Hellenism in the Fourth Century. *HTLR*, n. 50, p. p. 259-274, 1957.
- DRIJVERS, J. W.; HUNT, D. *The Late Roman World and its Historian: Interpreting Ammianus Marcellinus*. London and New York : Routledge, 1999.
- DUBUISSON, M. Barbares et Barbarie dans le Monde Gréco-Romain: du concept au slogan. *L'Antiquité Classique*, v. 70, p.1-16, 2001.
- FONTAINE, J. Ammien Marcellin, historien romantique. *BAGB*, v. XXVIII, n. 04, p. 417-435, 1969.
- FUNARI, P. P. A. *Antiguidade clássica: a história e a cultura a partir dos documentos*. Campinas: Ed. Da Unicamp, 1995.
- HEATHER, P. Themistius : A political philosopher. In.: WHITBY, Mary. *The propaganda of Power: The Role of Panegyric in Late Antiquity*. Leiden: Brill, 1998.
- _____. The barbarian in late antiquity: image, reality, and transformation. In: MILES, Richard. *Constructing Identities in Late Antiquity*. London: Routledge, 1999, p.234-258.
- _____.; MANCOUR, David. *Politics, Philosophy, and Empire in the Fourth Century: select Orations of Themistius*. Liverpool: Liverpool University Press, 2001.
- _____. *The fall of the roman Empire: a new history of Rome and the Barbarians*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- _____. *Empires and Barbarians: Migration, Development and the birth of Europe*. London: MacMillan, 2009.
- HENRY, M. *La Barbárie*. Paris: Éditions Grasset & Fasquelle, 1987.
- HUGH, E. *Frontiers of the Roman Empire*. London: Batsford, 1996.
- JENKINS, K. *A História Repensada*. São Paulo: Contexto, 2004.
- JONES, C. P. Themistius and the Speech to the King. *Classical Philology*, v. 92, n. 2, p. 149-152, 1997.
- LAURENCE, R.; BERRY, J. *Cultural Identity I the Roman Empire*. London: Routledge, 1998.

- LeBOHEC, Y. *L'armée sur le bas Empire*. Paris: Picard, 2007.
- LIEBESCHUETZ, J.H.G.W. *Barbarians and Bishops: Army, Church, and State in the Age of Arcadius and Chrysostom*. Oxford: Clarendon Press, 1990.
- MARROU, H-I. *Decadence Romaine ou Antiquité Tardive?* Paris: Éditions du Seuil, 1977.
- MATTHEWS, J. F. The Origin of Ammianus. *The Classical Quarterly*, v. 44, n. 1, p. 252-269, 1994.
- MELLOR, R. *The Roman Historians*. Routledge, Londo and New York, 1999.
- MÉRIDIÉRIER, L. *Le Philosophe Thémistios: devant L'opinion de ses contemporains*. Rennes : Imprimerie brevetée Francis Simon, 1906.
- MILLAR, F. Emperors, Frontiers and Foreign Relations, 31 B.C. to A.D. 378. *Britannia*, v. 13, p. 1-23, 1982.
- POTTER, D. S. *The Roman Empire at Bay AD 180-395*. London: Routledge, 2004.
- SABBAH, G. *La Méthode d'Ammien Marcellin: Recherches sur la construction du Discours Historique dans les Res Gestae*. Paris: Les Belles Lettres, 1978.
- SAYAS, J. J. Aportaciones de Temistio a determinados problemas imperiales. *Hispania Antiqua*, s/v, p.35-54, 1972,
- SEAGER, R. *Ammianus Marcellinus: Seven Studies in His Language and Thought*. Columbia: University of Missouri Press, 1986.
- SOUTHEM, P.; DIXON, K. R. *The Late Roman Army*. New Haven: Yale, 1996.
- STERTZ, Stephen A. Themistius: A Hellenic Philosopher-Statesman in the Christian Roman Empire. *The Classical Journal*, v. 71, n. 4, p.349-358, 1976.
- THOMPSON, E. A. *The Historical Work of Ammianus Marcellinus*. Cambridge: Cambridge University Press, 1947.
- _____. *Romans and Barbarians: The Decline of the Western Empire*. Madison, The University of Wisconsin Press, 1982.
- TROMBLEY, F. Ammianus Marcellinus and the fourth-century warfare: a *protector's* approach to historical narrative. In: DRIJVERS, J. W., HUNT, David. *The Late Roman World and its Historian : Interpreting Ammianus Marcellinus*. London and New York : Routledge, 1999.
- VANDERSPOEL, John. Themistius on the Source of Purple ("Or." 4.61a). *Mnemosyne*, Fourth Series, v. 42, fasc. 3-4, p. 492, 1989.
- _____. *Themistius and the Imperial Court: Oratory, Civic Duty, and Paideia from Constantius to Theodosius*. Michigan: University of Michigan Press, 1996
- WOLFF, Francis. Quem é bárbaro? In: NOVAES, Adauto. *Civilização e Barbárie*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2004.
- WOOD, Ian. Barbarians, Historians, and the Construction of National Identities. *Journal of Late Antiquity*, v. 01, n. 01, p. 61–81, 2008.

Notas

¹ Gostaria de agradecer à minha orientadora, Profa. Dra. Margarida Maria de Carvalho, e à FAPESP que auxiliam minhas pesquisas desde a Iniciação Científica.

² Não estamos nos referindo aqui ao amor entre homens e mulheres, mas sim ao amor fraternal, aquele depreendido a um irmão, ao próximo. *Philantrōpia*.

³ Por meio de uma nota, o tradutor nos esclarece que Ênio é uma Deusa da Guerra que fazia parte do habitual séquito de Ares e, em Roma, era identificada por Bellona.

Artigo recebido em 26/10/2013. Aprovado em 02/12/2013.